



Teatro anatómico. 2015

[dos níveis de teatralidade anatómica]

Carla Alexandra Gonçalves | CEAACP/FCT/UCoimbra

Compreender os mistérios da grande máquina corporal é uma exigência humana, presa com a sua própria condição que demanda no sentido de aferir sobre o que ela é, nas suas potencialidades e extensões físicas e mentais, sobre o que ela quer, sobre como se relaciona com a natureza e como se desfecha.

A consciência da finitude do corpo levou o Homem aos seus tantos devaneios e práticas. Assim nasceu a filosofia, assim nasceu a arte, assim nasceram as tantas religiões que explicam o lugar que o Homem deve ocupar agora, e que ocupará depois, com ou sem corpo, após o seu irremediável sumiço da territorialidade dos vivos, e assim nasceu a ciência, estabelecendo os lugares correctos de cada corpo por dentro, dos corpos animados, físicos, químicos, comportados e relacionais, dos corpos mortos e do corpo universal. Assim nasceu a cultura, a filha maior de todos os corpos.

Sou porque vivo e sou agora, neste imenso palco anatómico.
Sou porque me mobilizo num cenário que pulsa. Sou,
porquanto estou, fazendo. Sou porque me enredo e porque
escolho e me acerto. Sou porque me vejo e sinto.

Sou porque te encontro e tenho. Sou enquanto corpo e sou
na relação contigo.

Enquanto somos e estamos nos constituímos como um
espesso Teatro Anatómico impulsionante e contraditório e
imprevisível. Dentro da vida, tida como um sistema
impactante que impõe acção, compreendemos que o corpo,
esta entidade anatómica vivente, nos permite realizar, agindo
no palco que ele próprio funda constantemente. E este é o
primeiro nível da teatralidade anatómica: a teatralidade do

corpo vivente (o corpo-carne viva em relação) com suas
obras e virtudes, suas venturas, hábitos, emoções, suplícios,
anátemas, jogos, impugnações, criações, desejos, medos e
defeitos. O primeiro nível do Teatro Anatómico estabelece-se
na acção dos corpos-função que agem no mundo e que o
enformam, alterando-o, admitindo-o na sua objectividade que
se recria a par da própria existência mundanal e oferecendo-
lhe renovados sentidos que possibilitam o andamento do
mundo enquanto estrutura vivente. É este o primeiro nível dos
corpos-máquina que se descobrem, paulatinamente, a partir
do momento em que se abriram para saber-se. Começa no
corpo vivo a sua morte que se explorará sem pudor, através
das veias e das vísceras que o tornarão público objecto de
saberes e de mudanças.

Afastamo-nos da existência quando o corpo se imobiliza,
deixando de responder ao que lhe solicitamos, quando nos
impossibilita a relação com a realidade, ou quando deixamos
de ser corpo, essa substância anatómica fabriqueira que
marca o mundo, cravando-se.

Mas nesse instante que anterioriza a última respiração da
carne

nos morremos

continuando, ainda assim, a ficar corpo.

Um corpo anquilosado, um corpo crepuscular, um corpo dorido em cúmulos de perecimento e em quase-fim, um corpo ainda feito que se desfaz, um corpo disfuncional, sozinho dentro da pele, um murmúrio, ou um corpo presente, ainda molecular, um corpo-fragmento, mas instrumento, ou ainda acção em desfechos tépidos.

O corpo depreciado e quase-fim serve aos projectos de outros corpos. Nessa circunstância, o corpo constituir-se-á como uma instância que vence a sua caducidade, estabelecendo-se como um corpo-instrumento, permeabilizando-se à revida, e inscrevendo-se no que pode estabelecer-se como o segundo nível do teatro anatómico: abro o meu corpo em desuso para servir o teu, dando-me em cada fragmento que (se) perpetuará na tua vida.

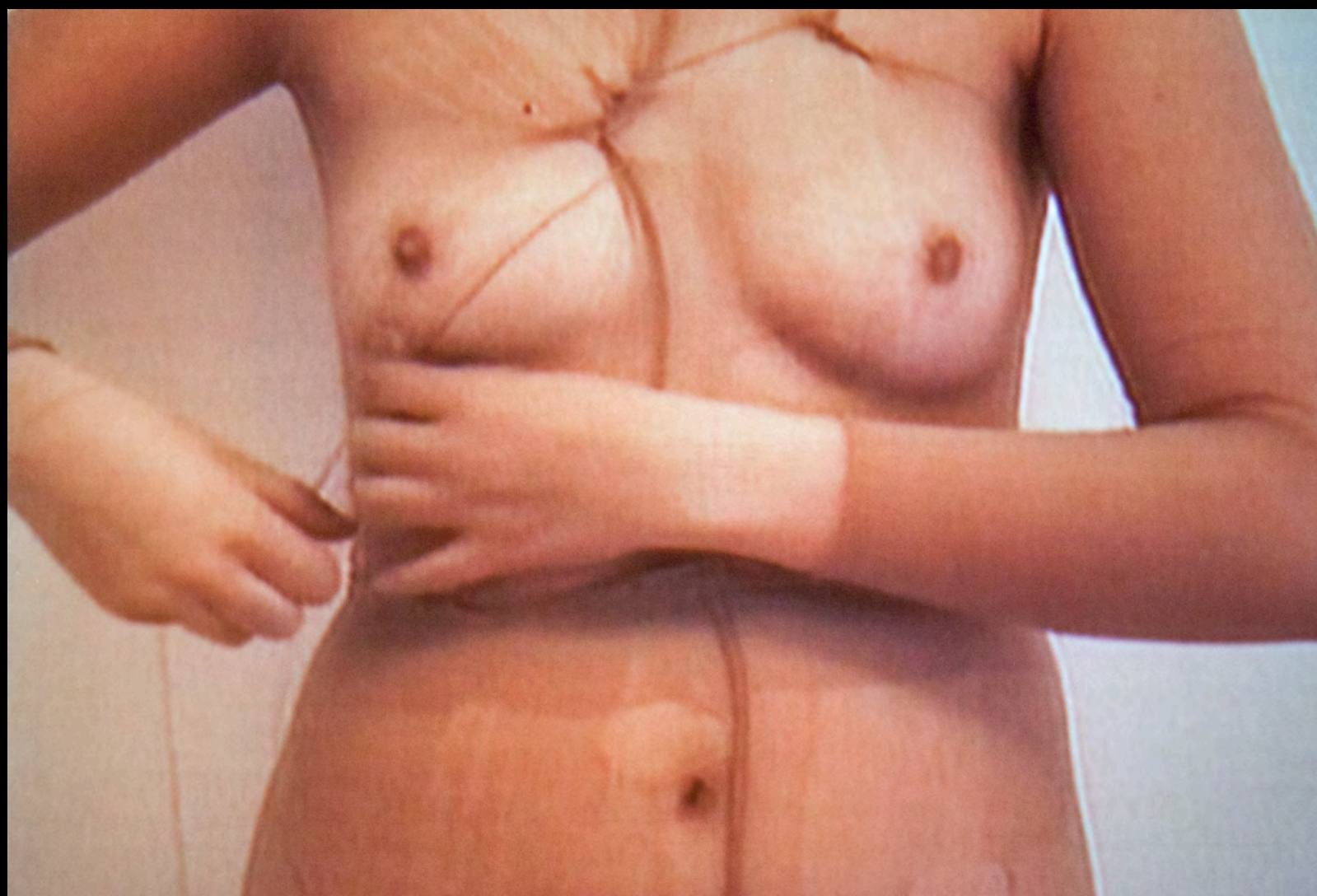
Deixo de ser

ou serei, sendo-te.

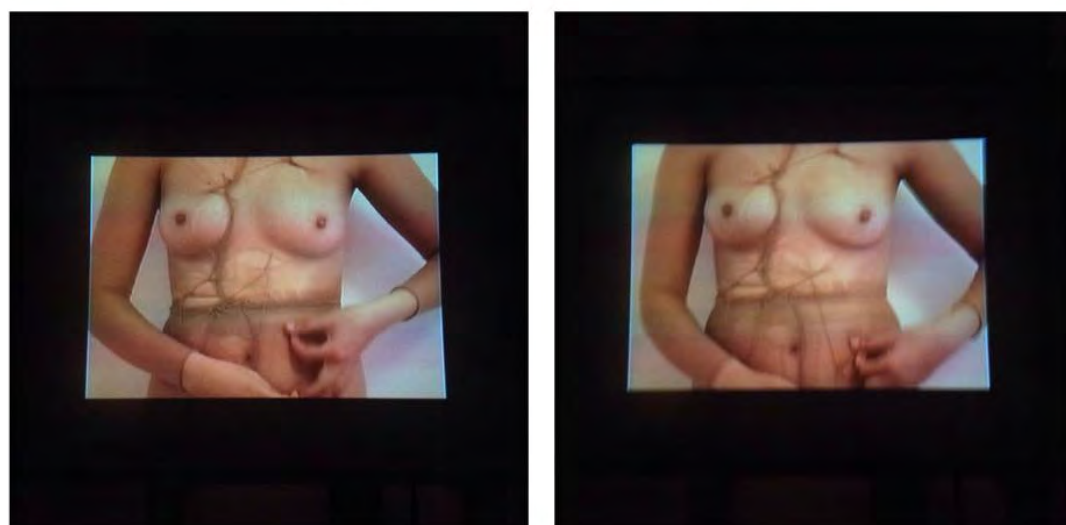
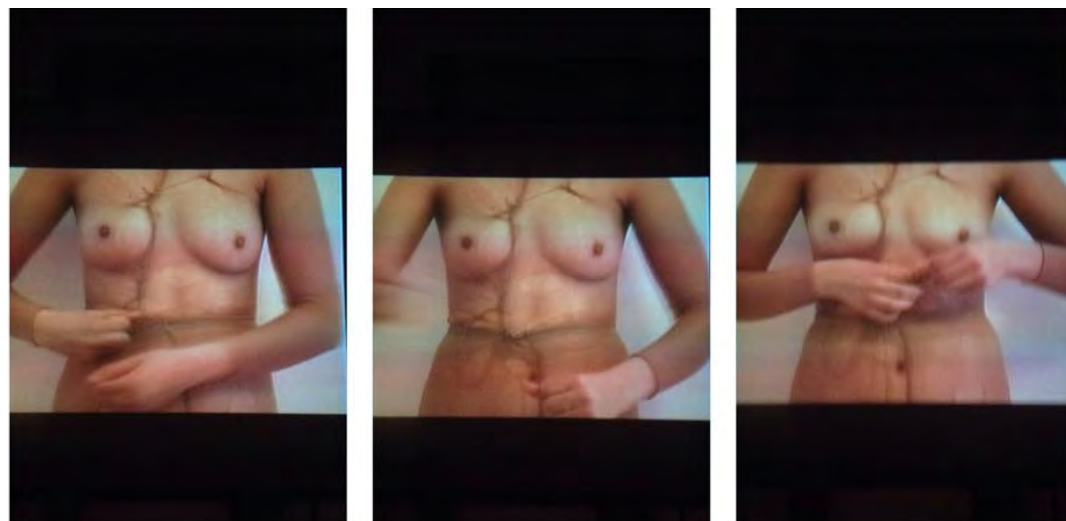
E todos os olhares sobrevivem quando inclinados por sobre a carne que se dilacerou para mostrar as entranhas, os ossos, os músculos e o interior da pele revertida em panos crus.



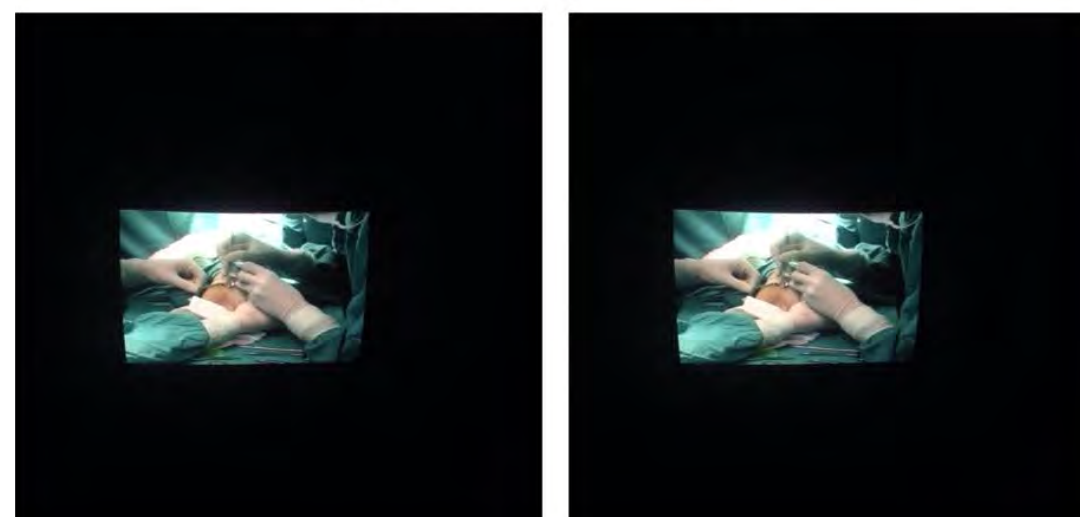
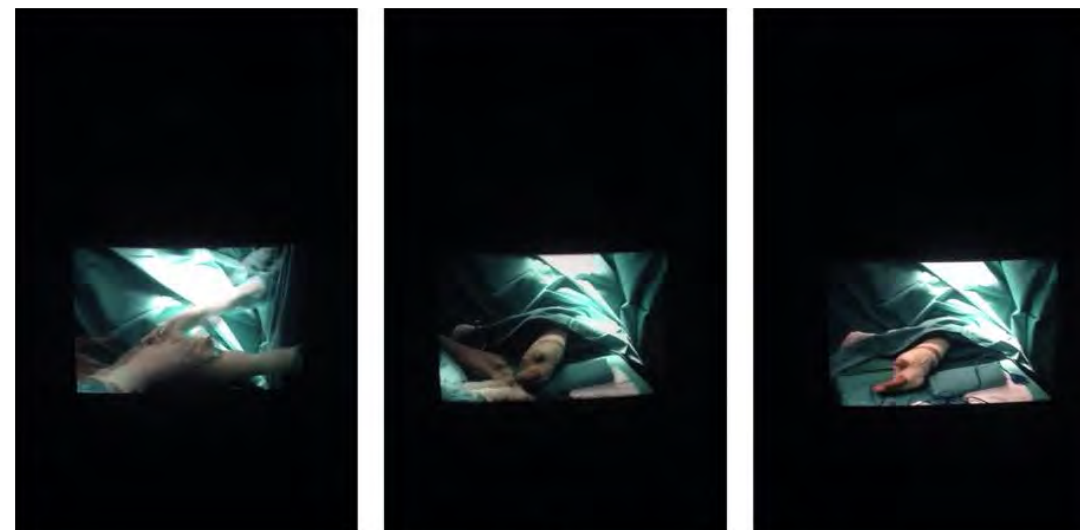
Lorena Amorós. The Viewing. Vídeo-instalação em Looping, 19' (pormenor). 2008



E todos os olhares sobrevivem quando inclinados por sobre a carne que se dilacerou para mostrar as entranhas, os ossos, os músculos e o interior da pele revertida em panos crus.



Marta Martinha. *Pele II*. Vídeo em Looping, 5'08 (sequência de frames). 2000.



Jorge Simões. *Crafsam*. Vídeo HD, Cor, Som, 5'00 (sequência de frames). 2015.



José Carlos Nascimento. *Sem Título*. Jacto de Tinta. 2015.

O corpo desmembrado viaja, no segundo nível do Teatro Anatômico, no gélido, obscuro, decoroso e solitário caminho da morte para a vida, encaixando noutros corpos, perdurando neles, procurando neles as vidas que se lhes escapam e, agarrando-as, nelas se reconverte como um limbo que passa a céu. O segundo nível da teatralidade anatómica corresponde, efectivamente, ao momento em que a (minha) morte concebe (a tua) vida, possibilitando-a através do conhecimento dos meandros da anatomia que permite solucionar os danos que o corpo-máquina possa sofrer. Neste sentido, o Teatro Anatômico permite saber sobre o corpo-máquina, mantendo-o enquanto corpo-função.

O terceiro nível de teatralidade anatómica pesquisa sobre o trans-corpo, a trans-humanidade, o futuro corpo, que a ciência vem fabricando através dos pedaços dos corpos que, desmembrados, se unem para criar a nova substância que acompanha a nova circunstância vivente de todos os corpos que se movem no palco do século XXI, emergindo das profícuas e tão fecundas extensões tecnológicas

que transformam todos os rituais de vida numa disposição ainda por conhecer com segurança, por definir e nomear.

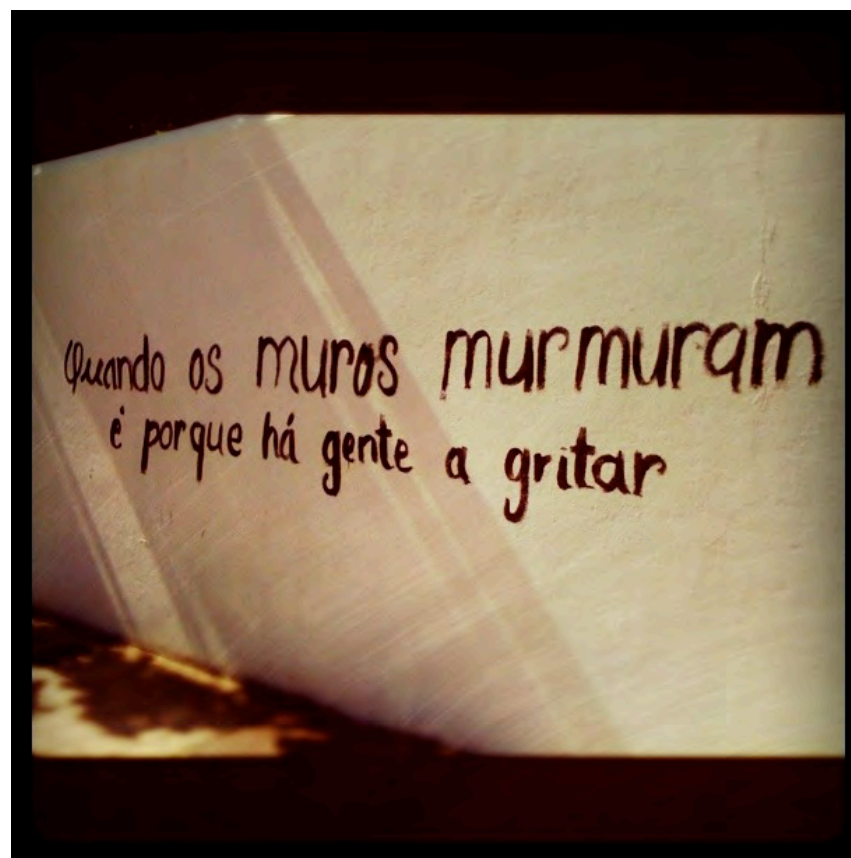
Futuramente, consubstanciaremos novos corpos que agirão sobre e através de novos teatros anatómicos. Este terceiro nível de teatralidade anatómica trans-humana, ainda por decifrar, abre-se a enormes e incandescentes inquéritos que aos artistas, tanto quanto aos cientistas, se impõem. E activar, ou melhorar, determinadas capacidades humanas, fechando os buracos do corpo que se esvai, morrendo, atingirá o eixo da nossa própria circunstância. Do homem-carne ao trans-homem se faz o caminho do Ser, ao objecto do desejo de ser-se para além da frágil condição de humanidade, ou ao desfecho do humano.

E tudo quanto o Homem descobre e

cria acabará

por desfazer-lhe

a capacidade de chorar.



“Pare, Escute e Olhe” | Rua da Piedade, Porto (Maio de 2013). (Foto de Joana Alves-Ferreira)